

Dossiê “Arte e Educação no/do/com o Programa de Formação Interdisciplinar Superior – ProFIS-Unicamp”: Um Dossiê para o ProFIS

Ana Elisa Spaoloni Queiroz Assis¹

Antes de qualquer coisa, é importante explicar o que é o Programa de Formação Interdisciplinar Superior – ProFIS da Unicamp, já que não se trata de uma graduação, mas de uma outra modalidade da Educação Superior.

Os cursos sequenciais superiores são desconhecidos apesar de configurarem como opção desde o texto original da Lei de Diretrizes e Bases da Educação – LDBEN de 1996². No Estado de São Paulo, são regulamentados pela Deliberação CEE-SP n.º 07/99³. Nesse contexto normativo, o ProFIS é um Curso Sequencial Superior de Complementação de Estudos, pois exige conclusão do ensino médio, tem destinação coletiva e aborda elementos de diferentes campos do saber aprofundando conhecimentos.

Na Unicamp, o ProFIS surge como uma proposta alternativa de ingresso na Universidade. O programa oferta, anualmente, 120 vagas, distribuídas em duas rodadas de seleção, envolvendo as maiores notas do ENEM das 101 escolas públicas que ofertam Ensino Médio no município de Campinas. O currículo proposto possui disciplinas em todas as áreas do conhecimento, objetivando uma formação ampla e humanista.

Nesse contexto, um dossiê que explore os diferentes aspectos de uma modalidade de curso superior desconhecida não é apenas importante, mas também necessário. Ademais, passada uma década de existência, tendo formado mais de mil estudantes, e se consolidando como um programa social de sucesso, a proposta também não poderia ficar circunscrita apenas a contribuições de docentes e estudiosos sobre o tema.

É nessa conjuntura que se pensa o Dossiê “**Arte e Educação no/do/com o Programa de Formação Interdisciplinar Superior – ProFIS-Unicamp**” composto não só por onze textos de professores, pesquisadores, estudantes e *alumni* do programa, mas também pela capa da atual edição, cujo artigo de abertura “Processo artístico a seis mãos: a capa e seu significado”, escrito por Isabelle Cristine de Souza Germano e Vandora Nestor Bonfim, explora a simbologia da imagem pensada por seus autores.

¹ Professora Livre Docente da Faculdade de Educação da Unicamp, coordenadora do ProFIS durante biênio 2022-2024 e reconduzida no biênio 2024-2026

² Lei de Diretrizes e Bases da Educação Nacional – Lei n.º 9.394/96. Disponível em: https://www.planalto.gov.br/ccivil_03/leis/19394.htm. Acesso em: jun. 2024.

³ Deliberação CEE-SP n.º 07/99. Fixa normas para a oferta de cursos sequenciais por campo de saber. Disponível em: <http://www.ceesp.sp.gov.br/ceesp/textos/1999/D7IND09-99.pdf>. Acesso em: jun. 2024.

Em seguida, temos as reflexões sobre o programa, iniciadas com o artigo de Ana Maria Carneiro, Cibele Yahn de Andrade, Stella Maria Barberá da Silva Telles e Nicole Teles Loureiro, intitulado “Treze anos depois: a Avaliação Continuada do Programa de Formação Interdisciplinar Superior da Unicamp”, que traz reflexões sobre a inclusão propagada pelo programa no contexto da política educacional, tendo como base a avaliação continuada feita sobre o ProfFIS desde o seu início, contribuindo para o seu direcionamento, manutenção e sucesso, nos mais diferentes níveis de tomada de decisão.

De um outro lado, o texto “As vozes profissionais: relatos de experiências”, de Isabella Victória Manfrim Teixeira, Livia Veríssimo Campos Silva, Jaqueline Borges de Queiroz, Jonatan Ribeiro Checatto e Paola Stefanny, reforça, a partir de uma visão interna de quem fez ou faz ProfFIS, o processo de inclusão vivenciado pelas/os estudantes.

Como o ProfFIS carrega em sua essência a emancipação social, a desigualdade é elemento que deve ser considerado no processo formativo dentro e fora da sala de aula. Com uma ideia bastante ousada, dois textos exploram essa temática e se denominam respectivamente “Contos da desigualdade: Desafios culturais da permanência estudantil dos estudantes do ProfFIS”, de Lucas Buscaratti e Isabella Manfrim Teixeira; e “Contos da desigualdade: Caminhos e embates vividos por estudantes que ingressaram no ProfFIS”, de Lucas Buscaratti, Isabella Manfrim Teixeira, Luiz Oliveira e Murillo Monteiro Martins, nos levando a pensar sobre como seria um livro de “Contos da desigualdade” com narrativas como essas que nos artigos encontramos.

Reflexões docentes também compõem a proposta, e estão articuladas nos textos “Experiência docente na disciplina do curso ProfFIS CS-093 - Comunicação, Arte, Cultura e Sociedade, Universidade Estadual de Campinas”, de Ronaldo Barbosa, Kênia Kemp, Beatriz Pierre Sforça e Giovana Camargo Ribeiro e “As Profissões: caminhos percorridos no ProfFIS”, de Marilda A. Dantas Graciola e Adriane Martins Soares Pelissoni; somam com eles as experiências vividas por estudantes da graduação e da pós-graduação da Unicamp, *alumni* ou não do ProfFIS, presentes nos relatos de experiência “Além das dificuldades, ‘pra não dizer que não falei das flores’: A construção da identidade docente nos caminhos do ProfFIS” de Lucas Buscaratti, Jonatan Checatto, Allann Silva e Nathan Graia, Antonio Ribeiro; e o texto “Ensinar para o ProfFIS não é uma tarefa (apenas) para docentes”, de Jéssica Yume Nagasaki e Bruna Luiza Martins Marconato.

Reflexões e críticas sobre a composição curricular da proposta e as atividades formativas se configuram nos textos “Ciências, Letras e Artes?” de Isabella Victória Manfrim

Teixeira, Livia Veríssimo Campos Silva, Rayssa da Silva Feitoza, Rafaela Rosa Ribeiro, Vanielle da Silva Martins e Murillo Robert Monteiro Martins, que questiona o lugar das Artes no currículo do ProFIS, e o formato das aulas ofertadas para a única disciplina que se responsabiliza pelo tema; bem como no texto “Oficina de autorregulação da aprendizagem: contribuições para o percurso formativo de estudantes do ProFIS”, de Camila Alves Fior, Adriane Martins Soares Pelissoni, Marilda Aparecida Dantas Graciola e Soely Aparecida Jorge Polydoro, que discute a importância da disciplina eletiva de Autorregulação da Aprendizagem como uma ferramenta importante para os estudantes do programa.

O conjunto de trabalhos que compõem o Dossiê certamente nos fazem pensar que não sabíamos quão necessárias essas escritas eram, até que se fizeram aqui presentes, pois muito mais do que explicar o que é ProFIS, consolidam o programa como uma referência e uma alternativa – sempre a ser melhorada – para um problema urgente: o acesso gratuito ao ensino superior de qualidade por jovens da escola pública brasileira.